

ERA TREINADOR DE CAVALOS

Antes de chegar aos EUA como passageiro regular, o meu pai falhou três tentativas de viagem e imigração clandestina



JOSÉ FERREIRINHA.

O seu pai José Maria Ferrerinha conseguiu fixar-se nos Estados Unidos depois de várias tentativas nos anos 20

- lembra o filho José Ferrerinha, recordando a aventura do pai

de imigração clandestina, teve em Filadélfia um encontro que só estava previsto na sua rota de emigração como uma situação a evitar.

“O meu pai era um grande nadador” - disse José Ferrerinha, lembrando que o seu progenitor crescera perto do Rio Tejo. “Numa das vezes em que veio escondido, quando chegou a Filadélfia atirou-se à água e nadou para terra. Nadou para um lugar da costa onde havia uma fogueira pois queria secar a roupa. A fogueira, contudo, contava com agentes da imigração e... foi no mesmo barco para trás”.

“No regresso retomou a actividade que lhe era familiar, mas, nem por ter encontrado o amor da sua vida na Murtosa deixou de amar o sonho americano” - disse José Ferrerinha, explicando:

“O meu pai era oriundo de uma família de Vila Franca de Xira que treinava cavalos e depois de mais um regresso forçado a Portugal foi



HISTÓRIAS DE IMIGRAÇÃO

O percurso de imigração de José Maria Ferrerinha passou em 1924 pela Studebaker, em Mishawaka, Indiana, onde nasceu a sua filha mais velha

à Torreira - talvez em 1922 - para entregar dois cavalos de passo à família Van Zeller, que eram os fidalgos lá da terra. A que seria a minha mãe, Maria da Anunciação Oliveira Cebolão, estava lá com uma irmã, e o meu pai repetia muitas vezes aquela cena: Ó rapaz, quando cheguei lá, fiz a apresentação dos dois cavalos e, entretanto, para além das mulheres da casa, vejo aparecer duas raparigas, uma delas, a que iria ser a tua mãe, e caíram-me os

olhos... A minha mãe era da família do célebre arrais Cebolão, que durante muito tempo foi o dono das duas únicas companhias de pesca da Torreira”.

Os Estados Unidos estavam ainda na agenda de José Maria Ferrerinha que, de um modo ou de outro, estava pouco depois em Newark a tentar montar as pedras do seu sonho americano. Nisso, jun-

cont. pag. seg.

Fernando Santos LUSO-AMERICANO

Na comunidade portuguesa de Newark, o nome José Ferrerinha é sobejamente conhecido. Todos o associam à Joel Agency, que durante muitos anos, a partir de uma esquina da Jefferson Street, dominou uma boa parte dos seguros residenciais e comerciais da área.

“É nos seguros onde está o dinheiro” - foi o conselho de um agente amigo que José Ferrerinha diz ter seguido e que foi válido por anos suficientes para hoje lhe permitir uma reforma tranquila.

“Fui agente independente da poderosa USF & G (US Fidelity and Guarantee) e tive-a durante 33 anos até vender a parte dos seguros em 1998” - disse José Ferrerinha, a quem pessoas menos próximas também se referem como Joel Ferrerinha, tendo erradamente em conta o nome da agência que dirigiu durante algumas dezenas de anos.

“A Joel Agency surgiu das primeiras letras de José e Elsie, a minha esposa” - explicou José Ferrerinha, que na juventude e ainda antes de ingressar no exército americano já tinha estado comprometido com uma agência de viagens trabalhando com um nome que ficou muito conhe-

cido no sector, o de Lourenço Gouveia.

Mas há um outro José Ferrerinha - José Maria Ferrerinha - que foi quem lançou a família nas rotas da emigração e o antigo dono da Joel Agency fala dele não só com respeito como também com admiração.

“José Maria Ferrerinha era o nome do meu pai, que nasceu em 1891, e antes de entrar como um passageiro regular nos Estados Unidos falhou três tentativas de viagem e imigração clandestina” - disse José Ferrerinha, o filho, evocando também episódios que fazem parte da tradição oral da família, embora admitindo que as datas poderão - dada a distância - não ser

aqui ou ali perfeitamente exactas.

“A viagem custava 80 dólares e era impossível arranjar esse dinheiro” - disse explicando a tenacidade do pai em querer atingir a costa americana por um processo mais penoso mas também mais barato.

“A primeira vez veio escondido na despensa, era rapaz de 18 ou 19 anos, e noutra tentativa falhada viajou num dos tanques de água do barco, usando as escadas do tanque como cama e local de descanso durante a viagem. A escada ficava com pouco espaço disponível quando o tanque era reabastecido nas escalas. Ele veio à procura do que aparecesse”.

Numa dessas tentativas

HISTÓRIAS DE IMIGRAÇÃO

A depressão económica da década de 1920 atrasou a reunificação familiar que só viria a ocorrer nos anos 40...



O porto de Filadélfia nos dias de hoje. Nos séculos 19 e 20 foi também porta de entrada para muitos imigrantes (legais e clandestinos)

cont. pag. ant.

tou-se o cavalheirismo e um pouco de sorte.

“Na última vez em que tentou com êxito vir para os Estados Unidos fixou-se em Newark num ano que eu não recorde” - disse José Ferreirinha. “Três semanas depois de ter chegado saiu de casa para ir fazer aquilo que todos os imigrantes faziam, biscatos. Estava numa esquina da Market, num dia com alguma neve, e viu um carro de luxo com uma rapariga nova a olhar para um dos pneus. Como era um homem que gostava de ser cavalheiro, foi lá, disse-lhe para se abrigar no carro que ele mudava-lhe o pneu. Ora dentro estava um cavalheiro, mas o meu pai disse-lhe que se encarregava da mudança do pneu. Ora o carro pertencia ao dono de um dos grandes empregadores daqui, que era a Celanese Corporation of America e quando ele terminou o condutor perguntou ao meu pai se falava inglês. Não sei como, o senhor disse-lhe que era o dono da Celanese e que o ia ajudar.

Segundo o meu pai, ter-lhe-á dito: ‘Passaram aqui uns 40 homens e ninguém nos quis ajudar. Apareça amanhã, às 8.30 da manhã no endereço tal e tal que eu vou ajudá-lo’.

O meu pai teve rapidamente na mão a documentação de que precisava e começou logo a trabalhar para a Celanese/Dupont, que fabricava nylon, e por isso, mais tarde, o meu pai dizia que a minha mãe foi a primeira rapariga a usar meias de nylon em Portugal”.

José Maria Ferreirinha começou a fazer contas à vida

e decidiu ir a Portugal acertar tudo com a moça da família Cebolão que lhe conquistara o coração.

“Isso devia ter sido em 1924, pois a minha irmã mais velha Ana Emília Pinho nasceu já em Mishawaka, Indiana, em 1925. É que, quando o meu pai regressou de Portugal em 1924, a fábrica Studebaker, de Indiana, estava a procurar trabalhadores em Newark” - explicou José Ferrerinha.

A companhia Studebaker Brothers, que na Califórnia construía carrinhos de mão para os trabalhadores das minas de ouro, tinha chegado a Indiana em 1858 para construir carroças para o exército, que estava envolvido na Guerra Civil, mas no início do século 20 começou a voltar-se para os automóveis. Produziu o seu primeiro carro eléctrico em 1902 e em 1904 o primeiro Studebaker a gasolina.

A grande depressão económica de fins da década de 1920 também chegou a Indiana, forçando o regresso a Portugal da família Ferreirinha. Portugal, contudo, não tinha melhor situação económica e ainda antes da década acabar, em 1929, a família estava de volta e com mais um filho.

“Eu nasci em Portugal em 1929 e entrei nos Estados Unidos com os meus pais com apenas 3 meses de vida” - disse José Ferreirinha, lembrando que a crise económica estava então mais generalizada, tendo o seu pai decidido ficar sozinho nos Estados Unidos e fazer regressar a família a Portugal.

“O meu pai ficou a trabalhar na Celanese, para onde tinha conseguido reentrar e onde iniciara a sua vida de imigrante como varredor. Mas foi subindo, aprendeu tudo o que pôde aprender.

Foi promovido a «laborer», assistente de encarregado e a encarregado de 400 homens. Não sei, contudo, o que é que faziam nesse andar”.

Só em 1944, estaria de novo reunida nos Estados Unidos a família Ferreirinha.

“Em 1944, regressamos aos Estados Unidos para nos juntarmos ao meu pai. Foi uma viagem normal até que os passageiros ficaram a saber de muito perto que se tratava uma guerra maior na Europa e no Pacífico” - contou José Ferrerinha.

«Eu tinha os meus 15 anos e digo isso porque no mesmo barco viajava connosco em segunda classe um rapaz da minha idade que iria ser muito conhecido como maestro, compositor e pianista, André Previn. Eu e ele jogamos muitas vezes xadrez durante a viagem, mas ele nunca me ganhou, o que pro-

va que ele tocava muito melhor piano do que jogava xadrez. Mas, voltando à viagem, nós chegamos em 10 de Fevereiro de 1944, um dia depois de o nosso barco ter sido parado por um submarino alemão. O nosso barco era, sobretudo, de carga, e, depois de aguardarmos durante bastante tempo o que ia ser feito do barco e de nós, recebemos ordem para continuar a viagem porque não fazia sentido deitar ao fundo um barco que apenas trazia álcool” - recorda com algum alívio José Ferreirinha.

José Ferrerinha fez questão de lembrar que, mais tarde, durante o seu serviço militar no Presídio de S. Francisco, encontrou lá de serviço um sargento que era nada mais nada menos que André Previn, que se lembrava perfeitamente dessa viagem.

Com a família restabelecida nos Estados Unidos, José Maria Ferreirinha teve algum tempo para se dedicar à vida associativa e esteve próximo do movimento que levou a compra do terreno onde hoje se ergue a sede do Sport Clube Português de Newark.

O homem que persistentemente sonhara em grande com os Estados Unidos, mantinha também, segundo o filho, sonhos maiores para a obra.

“O meu pai fez parte do movimento para a construção da sede do Sport Clube Português de Newark. Era um homem ligado à criação de cavalos e ao desporto e queria que fosse comprado o quarteirão todo da Prospect Street, para poder incluir campo de futebol, piscina e outros recintos. A quota na altura creio que eram 10 centavos e o projecto obrigava a



José Ferreirinha, o filho, manteve durante muitos anos em Newark a Joel Agency, especializada em seguros comerciais

aumentá-la para cinco vezes mais, para 50 centavos”.

Sem êxito neste seu plano, José Maria Ferreirinha não insistiu quatro vezes, como o fizera para entrar nos Estados Unidos.

“Não concordaram com

o seu plano e o meu pai nunca mais entrou no Sport Clube Português” - lembra o filho

José que, por sua vez, ao longo da sua vida activa manteve um bom relacionamento com as instituições associativas portuguesas.